



monetário que carregam em mãos. Dada certa técnica, tecnologia e ciência, vigentes em dado espaço geográfico havido por Nação, a moeda daquela localidade vai repercutir as forças produtivas que ali se desenvolveram, o patamar que chegaram. O quanto a capacidade de trabalho dos homens é capaz de comprar mediante seu esforço. Pois quanto mais avançada estão técnica, tecnologia e ciência - as forças produtivas - menor é o tempo de trabalho exigido pelos trabalhadores para produzir, o preço cai e, portanto, mais fácil adquirir aquilo que necessitam à sobrevivência. Produtividade é o nome que isso leva. Tudo isso quer dizer que o câmbio não ressoa somente o quanto uma moeda de uma nação pode ser trocada por outra moeda de outra nação numa determinada taxa estipulada em mercado. A taxa de câmbio também porta dentro de si que estão sendo trocadas também produtividades diferentes de trabalho, produtividades maiores e menores. No caso brasileiro, da moeda real, o câmbio também revela o quanto o real consegue comprar de trabalho de outra moeda por exemplo, o dólar. Mas, isto é um aspecto básico da moeda. Isso é para conferir ao câmbio de moeda uma substância, uma materialidade, para não ser unicamente reduzido a um jogo aleatório de apostas de quanto vendedores e compradores supõem que vale a conversão de uma moeda em outra, fixada por uma taxa. Esse jogo de apostas também está presente, é o que se vê. Mas, por trás dele, há a produtividade do trabalho que é o que não se vê.

Como não existem economias nacionais auto suficientes, e todas são umas dependentes das outras, pratica-se o comércio internacional. E autores clássicos da ciência econômica se debruçaram sobre o tema do comércio. Adam Smith identificou a teoria do comércio motivado por vantagens absolutas. Mais adiante, David Ricardo captou o comércio causado por vantagens comparativas. Mas, numa coisa, há unanimidade. O comércio internacional permite a um país adquirir o que não produz ou não produz o bastante.

Aqui está o segundo ponto do raciocínio. Ao vender no exterior, a operação ocorre em moeda estrangeira aceita internacionalmente, firmada por uma taxa cambial contratada. A empresa vendedora vai receber na moeda nacional, pois é com esta que deve lidar no país onde reside. Se a moeda nacional estiver estável, com um processo inflacionário irrisório, sempre receberá o mesmo valor monetário. O problema é se houver um processo inflacionário intenso. A empresa ficará com um valor monetário desvalorizado de suas vendas. Então o câmbio precisa ser desvalorizado na mesma medida da inflação de tal forma que o exportador mantenha o poder de compra da moeda com a qual lida nacionalmente. Enfim, a taxa cambial obedece em seu movimento básico à evolução inflacionária interna. A empresa opera nacionalmente, mas pode vender lá fora sua produção em parte ou no todo.

Com as vendas externas, o país vendedor reúne moeda estrangeira de aceite internacional com a qual pode adquirir via importação as mercadorias que não possui em suas fronteiras. O país que não desenvolve comércio internacional, está isolado da civilização. Terá de ser auto suficiente. Regredir ao estágio da economia indígena de subsistência que retirava da natureza tudo o que precisava e esporadicamente trocava por escambo com outra tribo algum produto que não produzisse.

O quadro abaixo vai apenas demonstrar em simulação o processo de desvalorização monetária originado pela inflação que deve se transmitir regularmente à taxa cambial a fim de corrigir os ganhos em moeda nacional da exportação e, por conseguinte, em âmbito macro, a nação reter moeda estrangeira sob a forma contábil final de Reservas Cambiais para poder adquirir o que não tem. Essas Reservas ficam sob posse do Banco Central. Perceba-se que toda essa lógica, trata de um fluxo de entrada e saída ininterruptas de recursos vitais à economia. É um comportamento universal. Cada

Nação com sua moeda, cada moeda com sua produtividade, cada produtividade a servir de substância para sua taxa cambial e, por fim, sobre a taxa cambial pode incidir um jogo de apostas a quanto será negociada a maior ou a menor pelo mercado.

### QUADRO 1 – INFLAÇÃO E TAXA CAMBIAL

	(1) US\$	(2) R\$/US\$	(3) Valor Nominal	(4) Inflação %
1994	544.899.739,45	0,9176	500.000.000,92	0,00
1995	544.899.739,45	0,9176	500.000.000,92	<b>22,41</b>
1996	544.899.739,45	0,9176	500.000.000,92	<b>9,56</b>
1997	544.899.739,45	0,9176	500.000.000,92	<b>5,22</b>
1998	544.899.739,45	0,9176	500.000.000,92	<b>1,66</b>
1999	544.899.739,45	0,9176	500.000.000,92	<b>8,94</b>
2000	544.899.739,45	0,9176	500.000.000,92	<b>5,97</b>
2001	544.899.739,45	0,9176	500.000.000,92	<b>7,67</b>
2002	544.899.739,45	0,9176	500.000.000,92	<b>12,53</b>

Elaboração do Autor

### QUADRO 1 – INFLAÇÃO E TAXA CAMBIAL (continuação...)

	(6) Valor Real R\$	(7) Valor Corrigido R\$	(8) R\$/US\$	(9) Prova Real %
1994	500.000.001	500.000.001	0,9176	0,00
1995	408.463.362	612.050.001	1,1232	22,41
1996	372.821.615	670.561.981	1,2306	9,56
1997	354.325.808	705.565.317	1,2949	5,22
1998	348.540.043	717.277.701	1,3163	1,66
1999	319.937.620	781.402.327	1,4340	8,94
2000	301.913.391	828.052.046	1,5196	5,97
2001	280.406.233	891.563.638	1,6362	7,67
2002	249.183.536	1.003.276.562	1,8412	12,53

Elaboração do Autor

No quadro 1 constam as exportações, realizadas sempre a uma taxa de câmbio fixa (2) durante 9 anos. As vendas são realizadas em dólar (1) e convertidas em reais (3). Os dólares ficam com o Banco Central. Os reais com o exportador. Tudo estaria em equilíbrio duradouro se não houvesse a famigerada inflação (4). Seria o mundo ideal que todos almejam. Todavia, a inflação existe e inferniza dentro do país exportador. O valor real das exportações em moeda nacional vai caindo (6) à medida que a inflação se eleva. Então é necessário corrigir nominalmente (7) essa perda de poder aquisitivo em moeda nacional. A inflação é o padrão de correção da taxa cambial (8) na qual se negocia o Real pelo Dólar. A última coluna é a prova real da coluna (8). Esse é o movimento base do câmbio. E esse quadro fez uma simulação no período 1994-2002 do que aconteceu com o câmbio.

Com um pouco mais de paciência e vale o penar, pode-se examinar o quadro 2. A primeira coluna é uma estimativa (E) do câmbio a partir da inflação. A segunda coluna é o câmbio efetivamente negociado (N). Foi um período em que a taxa cambial brasileira foi mantida *quase* fixa sem a interferência da inflação. Porém, não foi possível mantê-la intocável como se pretendia. Em 1998, precisou ocorrer uma correção cambial. É incorporada a inflação, como base do movimento cambial, sobre o qual há um adicional

especulativo, de quanto os mega compradores e vendedores de dólar, a seus juízos, consideram que ele vale.

## QUADRO 2 – CÂMBIO ESTIMADO E NEGOCIADO

	R\$/US\$ (E)	R\$/US\$ (N)
1994	0,9176	0,9176
1995	1,1232	1,0051
1996	1,2306	1,0780
1997	1,2949	1,1605
1998	1,3163	1,8147
1999	1,4340	1,8302
2000	1,5196	2,3504
2001	1,6362	2,9212
2002	1,8412	3,0783

(E) Elaboração do Autor

(N) Conjuntura Econômica

## REFERÊNCIAS

ASHTON, T. S. **A revolução industrial: 1760-1830**. 4. ed. (Coleção Saber) Publicações Europa-América, 1977, p. 21-43.

DUCASSE, P. **História de las técnicas**. Editorial Universitária de Buenos Aires, p. 7-13. Disponível em: <http://www.librosmaravillosos.com/historiadelastecnicas/pdf/Historia%20de%20las%20tecnicas%20-Pierre%20Ducasse.pdf>. Acesso em: 14/07/2017.

Conjuntura Econômica, novembro 2013, p. XV.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.